

PROFESSORES GERAÇÃO Y: MUDANÇA DE PERFIL NÃO GARANTE USO MAIS EFICAZ DE NOVAS TECNOLOGIAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Janaina da Silva Cardoso*

Resumo: Atualmente a maioria dos alunos de licenciatura são nativos digitais (DUDENEY & HOCKLY, 2007, p.8). No entanto, esta mudança no perfil dos futuros educadores não garante um melhor uso de tecnologias no contexto educacional. Este artigo mostra os resultados de um estudo em que são comparados dois grupos de alunos universitários, e discute a possível adaptação dos cursos de formação e capacitação de professores. A discussão pode ser especialmente útil para educadores em geral, coordenadores e profissionais que trabalham com programas de capacitação e desenvolvimento de educadores, para que possam promover a integração de professores com diferentes perfis e a criação de um ambiente de trabalho mais propício à troca de ideias e experiências.

Palavras-chave: Tecnologias. Geração Y. Contexto educacional. Professores.

Abstract: Nowadays most teachers-to-be are digital natives (DUDENEY & HOCKLY, 2007, p.8). However, this change in future teachers' profile does not guarantee better use of technology in the educational context. This article shows the findings of a study in which two groups of university students are compared, and discusses the possible adaptation of language teacher development courses. The discussion may be especially useful for course coordinators and teacher developers, who should be aware of the distinction between the two groups of teachers in order to promote their integration and the creation of a positive atmosphere for the exchange of ideas and experiences.

Keywords: Technologies. Generation Y. Educational context. Teachers.

* Professora Adjunta do Departamento de Línguas Anglo Germânica, Setor de Língua Inglesa da UERJ, Rio de Janeiro, R.J., Brasil, jsc41@ig.com.br.

Introdução

“O ser humano é o único que pode mudar a sua história, pois tem inteligência e criatividade. Basta acrescentar a motivação.”

(TIBA, apud CIMINO 2007)

Por lidar com futuros professores no curso O Uso de Tecnologias Modernas para o Ensino de Inglês, tenho notado que o perfil desses alunos vem mudando gradualmente. Há cerca de quatro anos, quando o curso foi lançado, embora a maioria dos alunos estivesse nos últimos períodos do curso de Letras, e muitos já atuassem como professores, grande parte deles ainda apresentavam muita resistência quanto à incorporação das tecnologias modernas ao ensino. Muitos deles não tinham acesso à internet em casa e apresentavam pouca familiaridade com novas tecnologias. Atualmente, o quadro é completamente diferente. Os participantes do mesmo curso são verdadeiros “nativos digitais”, muitos deles viciados em seus aparelhos eletrônicos. No entanto, esta familiaridade não garante uma melhor aplicação das tecnologias em sala, pois a maioria desses futuros professores desconhece a aplicação desses recursos no processo de ensino/aprendizagem.

Sendo assim, o curso teve que ter o seu foco alterado, visando atender às necessidades deste novo tipo de aluno. No passado, o objetivo principal consistia na familiarização com tecnologias modernas e a criação de uma atitude mais positiva em relação a essas tecnologias. Agora o foco central é no processo ensino/aprendizagem, na busca por meios mais eficazes para a aplicação, ao contexto educacional, do conhecimento sobre tecnologia que eles já possuem.

Este trabalho apresenta os resultados de um estudo comparativo entre os dois grupos de alunos universitários, e discute a possível adaptação dos cursos de formação e capacitação de professores, buscando promover a integração entre esses profissionais e a criação de um melhor ambiente de trabalho.

O mito da supremacia do novo

Vivemos um momento em que o consumo é enaltecido todo o tempo e por isso tendemos a descartar o que é antigo e a supervalorizar o novo. Como o progresso está cada vez mais rápido, tendemos a viver uma constante troca de nossos bens (de consumo). Corre-se o risco de pensarmos que passado e futuro são tempos totalmente isolados e que o novo é necessariamente melhor. Se soubermos equilibrar nossas experiências com o possível conforto oferecido pelo novo descobriremos que a tradição e a modernidade podem conviver harmoniosamente.

Minha mãe costuma dizer que mais nada a surpreende. Nasceu em 1933, o que significa que ela já tinha nascido quando a Segunda Guerra Mundial terminou. De lá para cá a tecnologia evoluiu extremamente rápido: rádio, TV, gravadores, computadores (inicialmente enormes), internet, laptops, fax, scanners, netbooks, tablets,... Ela, de uma geração anterior àquela chamada por alguns de Baby Boomer, entende que o progresso está cada vez mais rápido e costuma dizer que mais nada a surpreende; que é impossível imaginar a tecnologia mais moderna. Reilly (2013, p.3) concorda com ela: “Não temos mais tempo suficiente de nos familiarizarmos com um equipamento, e um novo é inventado para substituí-lo.”¹

Ao testemunhar tamanho progresso muitos acabam por esquecer o valor do passado e acreditar que somente o novo tem valor. É a sociedade descartável, capitalista, impondo a ideia que devemos jogar o velho fora e nos mantermos sempre “atualizados”, “antenados”.

No entanto, esquecemos que o tempo, na realidade, é uma criação do homem e que diferentes seres humanos têm diferentes visões em relação ao seu tempo. O presente é apenas um segundo ou menos ainda, um ponto a ligar presente e passado. Podemos, e acredito que devêssemos, então, utilizar nossas experiências passadas para fundamentarem as ações futuras. Ou, ao contrário, utilizar o moderno para preservar o passado. É exatamente o que faz o Cacique Almir Suruí. (SCOFIELD JR, 2012, p.4)

O Cacique Almir Suruí é um exemplo perfeito de como o novo (o futuro) pode conviver em perfeita harmonia com o passado. Almir Suruí foi eleito um dos mais criativos líderes no mundo corporativo pela revista americana "*Fast Company*", o seu principal diferencial é se utilizar de novas tecnologias para a preservação de tradições. (CARDOSO, 2012, p.1-2)

¹ “We don’t have enough time to get familiar with a gadget and a new one is invented to substitute that one” (Reilly 2012, p.3).

Fica, no entanto, a pergunta: será que na área de educação estamos sabendo utilizar as novas tecnologias para preservar o passado e construir um futuro melhor?

Os cursos de formação de professores deveriam levar em consideração a importância do uso de novas tecnologias no processo de preparo para a educação para o futuro, sem deixar de lado conhecimentos adquiridos no passado. Mas será que isto está ocorrendo? (CARDOSO 2012, p.1-2)

Após esta introdução, gostaríamos de apresentar alguns tópicos mais gerais que podem nos ajudar a justificar a presente pesquisa: o mito da supremacia do novo; a desigualdade tecnológica, o processo de conscientização tecnológica (do acesso à criatividade); e as principais características da geração Y. Em seguida, apresentamos a pesquisa em si, sua metodologia; a descrição dos sujeitos; e os resultados obtidos. Após a apresentação dos resultados, mostraremos como a mudança de perfil influenciou na mudança da abordagem do curso e teceremos algumas considerações finais.

Desigualdade tecnológica

Atualmente encontramos diferentes realidades em diferentes escolas e universidades, tanto a nível nacional como internacional. Ao mesmo tempo em que é possível encontrar instituições muito bem equipadas, com quadros interativos ligados à Internet de alta velocidade, em outras não encontramos nem mesmo o quadro negro. Hadfield & Hadfield (apud HARMER, 2007, p.175) representam estes diferentes tipos de recursos disponíveis em uma pirâmide invertida (Fig. 1), tendo no topo os recursos mais modernos e chegando à base onde não há nada.

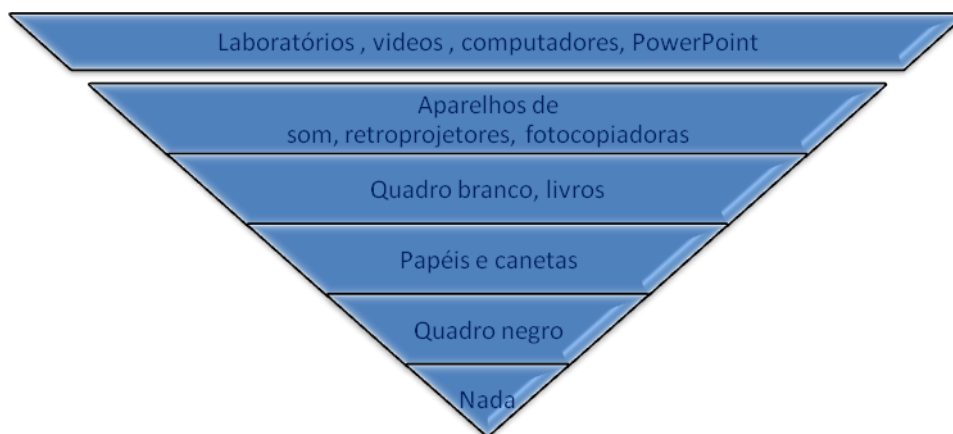


Figura 1 - Pirâmide Invertida de Hadfield & Hadfield

No entanto, afirmam que muito pode ser feito com o mínimo de recursos ou até mesmo sem recurso algum. E propõem então virar a pirâmide ao contrário (Fig. 2), substituindo o nada pelos recursos possíveis de serem encontrados em toda sala de aula, ou seja, as pessoas, incluindo alunos e professores e as próprias vidas dessas pessoas.

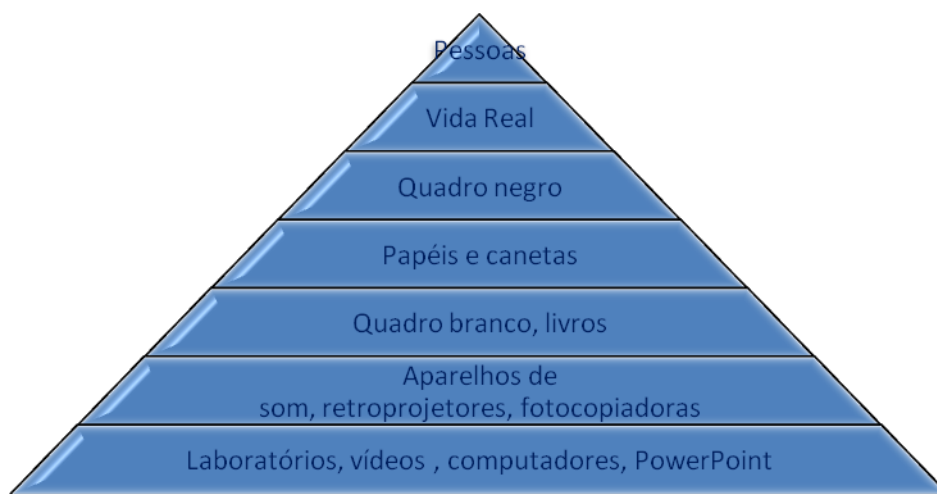


Figura 2 - Nova Visão da Pirâmide de Hadfield & Hadfield

Podemos concluir que em todo ambiente de aprendizagem há sempre algum recurso educacional e que o mais importante deles são as pessoas, pois depende delas a utilização dos demais recursos de forma criativa, na constante busca pelo conhecimento.

Do acesso à criatividade

Nos dias atuais há muita informação disponível. Os alunos já têm acesso a essas informações diretamente através da Internet. No entanto, informação não garante conhecimento. E deveria ser exatamente este o papel da educação. Além, é claro, de auxiliar no processo de seleção das informações realmente significativas e transformá-las em conhecimento produtivo (CIMINO, 2007, p.55).

Um dos grandes desafios do educador é ajudar a tornar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre

tantas possibilidades, e compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do nosso referencial. (MORAN, 2000, p. 23)

O que continua sendo o mais importante é a preparação de educadores capazes de utilizar todos os recursos disponíveis, sejam eles tecnológicos ou não. Não basta o acesso, é necessário usar o que está acessível na busca pelo conhecimento e a criatividade (Fig.3). É bem verdade que os recursos tecnológicos não garantem o conhecimento ou a criatividade, mas por que não utilizarmos esses recursos como aliados, pelo menos quando eles estiverem disponíveis?

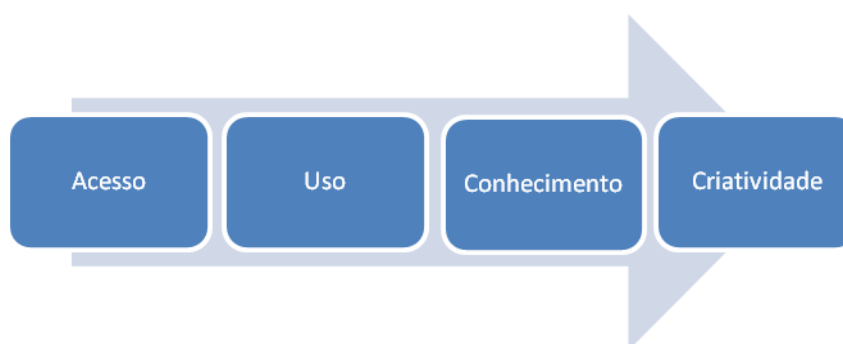


Figura 3 - Processo de Conscientização Tecnológica

Se considerarmos a tecnologia como ferramenta e as pessoas como a parte mais importante no processo educacional, é necessário então preparar estas pessoas (em especial os professores) para descobrirem oportunidades em cada desafio que encontram. No entanto, devemos nos perguntar: será que estes professores estão sendo preparados desta forma? Será que conhecemos bem estes futuros professores?

Há muitos textos sobre a diferença entre os alunos da geração Y e seus professores (D'ELBOUX, 2010, LOIOLA, 2009, MAINARDES, 2003, SCHOFIELD & HONORÉ 2008). Há também artigos sobre a Geração Y no mercado de trabalho (CARPENTER 2011, HUHMAN 2010, SHAPIRO 2012). No entanto, há poucos estudos sobre a nova geração de professores, que já pertencem à Geração Y, e a relação deles com seus colegas de trabalho, coordenadores e orientadores. O mesmo conflito de gerações que pode ocorrer entre professores e alunos pode vir a ocorrer entre os colegas com idades e realidades diferentes, ou entre professores e seus coordenadores e diretores. Foi com esta preocupação que resolvi desenvolver esta pesquisa para entender melhor este novo grupo de professores.

Principais características da geração Y

“Lidam com os aparatos modernos com extrema desenvoltura, como se fossem parte deles, como se tivessem sempre lidado com computadores e vídeo games.”

(FILÉ, 2011, p.40)

Em inglês, intitulei esta seção do trabalho como *Mind the Gap*, pois em inglês “gap” é tanto usado para “vão”, neste caso entre o trem e a plataforma, ou na expressão “*generation gap*”, simbolizando a distância entre uma geração e outra. Em português, seria traduzido como “conflito de gerações”, mas em inglês o termo não representa necessariamente um conflito, apenas uma diferença. “*Mind*” como o verbo preocupar-se, cria um trocadilho que achei interessante: “Devemos nos preocupar com as diferenças entre as gerações.” Não podemos seguir caminhando sem nos preocuparmos com essas diferenças, exatamente para evitar o conflito de gerações. Nenhuma novidade nessa afirmação, sempre houve uma preocupação com a compreensão das diferentes gerações. No entanto, o que difere agora é que temos diferentes gerações na fase adulta, cada uma delas com características bem diferentes.

Para facilitar a distinção das gerações utilizarei uma divisão muito utilizada ultimamente, e representada no quadro abaixo (Fig. 4). Não quer dizer que todos os pertencentes a cada uma das gerações têm que ter exatamente estas características. Na realidade, esta foi uma divisão baseada na observação da maioria de pessoas, que aqui são apresentadas como um grupo, e pertencentes principalmente ao contexto ocidental.



Figura 4 - Gerações Baby Boomer, X, Y e Z

O quadro acima é similar aos dados apresentados em Reilly, 2012; Schofield & Honoré, 2009. Os anos de início e término de cada fase não são precisos, mas há um consenso quanto à divisão das gerações. Falta no quadro a geração anterior à *Baby Boomer* que é chamada por muitos de Geração Tradicional. A Geração tradicional foi a geração das grandes guerras e que possuía conceitos bem rígidos de moral e patriotismo. A Geração Baby Boomer, a geração pós-guerra, busca um rompimento com a anterior, é a geração “paz e amor”, dos hippies, da liberação sexual e da busca por igualdades. Com uma visão revolucionária, lança novos estilos de vida. A Geração X é a geração trabalhadora. Inicia com a ela a busca pela qualidade de vida. No entanto, ela acredita que a qualidade de vida está ligada à estabilidade financeira e ao sucesso profissional. É uma geração independente e desconfiada. Com a crise econômica dos anos 80 essa geração sofreu um momento de instabilidade muito grande e resolveu proteger ao máximo os seus filhos, que vem a ser a próxima geração.

A Geração Y nasce já com os aparatos digitais em alta. Se as gerações anteriores estão muito ligadas ao rádio e depois à televisão, a Geração Y é a geração dos computadores, da informação e comunicação. Mais do que achar que deve haver um equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, ela vê o trabalho totalmente subordinado ao bem estar. Se um trabalho não a satisfaz, troca imediatamente. Quanto aos estilos de aprendizagem, estas pessoas são cinéticas e visuais. Precisam de estímulos visuais e muito movimento para conseguirem aprender. Valorizam o entretenimento e os jogos. Utilizam as novas tecnologias de forma confiante. Buscam a informação diretamente da fonte e não esperam que estas informações sejam precisas, pois ao concordar com elas, passam a se apropriar delas; porém, consideram a

cópia de ideias um processo desonesto. No entanto, leem menos e pior, principalmente pelo fato de terem dificuldade em se concentrar. Por outro lado, são multitarefas, ou seja, conseguem realizar muitas atividades ao mesmo tempo, são criativos e aprendem rápido. Procuram uma razão de ser e uma paixão. Defendem o meio ambiente e melhores condições de vida, o bem estar. Não acreditam na autoridade dada pela hierarquia. Acreditam em uma liderança compartilhada. As recentes manifestações no Brasil são um bom exemplo do comportamento e crenças da Geração Y. Utilizaram a Internet como meio de organização dos protestos e não defendem nenhuma bandeira em especial, apenas buscam qualidade de vida: melhora na saúde, educação, transportes e representantes mais honestos e que ouçam a todos. Aqueles nascidos a partir de 2000, os filhos da Geração Y ou X, a geração Z, são um grupo pouco estudado. Muitos preferem incluí-los à geração anterior, e são também chamados de geração C (de conectada).

A diferença entre as gerações de professores e alunos poderá ser sentida agora entre professores de diferentes faixas etárias, pois os novos professores pertencem à Geração Y, enquanto seus colegas são da Geração X. Será (e em alguns casos já é) possível até mesmo encontrar professores de três gerações diferentes trabalhando juntos. Sendo que os mais velhos (de gerações anteriores) ocupam os cargos de liderança (coordenação e direção). E para a Geração Y a liderança não é uma questão de antiguidade. Eles esperam que a promoção ocorra rapidamente e que a liderança seja compartilhada; além disso, eles esperam receber feedback contínuo de sua atuação. Caso a empresa ou instituição (no caso a escola ou curso) não atenda aos seus anseios eles não hesitarão em mudar para outra que apresente melhores condições de trabalho ou desenvolvimento.

O presente estudo não busca discriminar diferentes faixas etárias, mas compreender melhor uma certa geração. Não se trata de diferenciar a criança, o adolescente, o adulto ou o idoso, mas de entender como diferentes adultos de diferentes gerações e com diferentes prioridades podem conviver em um mesmo ambiente de trabalho; como promover a integração desses diferentes grupos de profissionais e como propiciar a criação de um ambiente de trabalho mais favorável à troca de ideias e experiências. É preciso buscar uma forma de lidar com esta nova situação. É também importante entender como esta nova realidade pode afetar o processo de ensino/aprendizagem.

Descrição dos grupos

Este estudo teve início há cerca de quatro anos (2009), como justificativa para a proposta de conteúdo programático para o curso Prática de Ensino I – O Uso de Novas Tecnologias para o Ensino de Inglês. Desde então, o curso não só iniciou, mas sofreu diversas modificações baseadas na pesquisa desenvolvida nesse período e nas avaliações dos alunos. O curso é compulsório e faz parte do currículo da graduação em Letras (Inglês-Literaturas) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O objetivo principal do curso é discutir o uso de novas tecnologias para o ensino de língua inglesa.

O primeiro grupo (de 2009), que na realidade funcionou como piloto, era composto de 12 alunos universitários do curso Inglês-Literaturas UERJ, com idades que variavam entre 20 e 30 anos, a maioria deles (10 alunos) já cursavam os últimos períodos do curso de licenciatura em Letras. Pelo menos três deles utilizavam aparatos tecnológicos com grande frequência, mas não com foco no processo de aprendizagem. Quanto aos demais, mencionaram o uso de computadores, mas que não se sentiam confiantes. Dois não tinham computadores em casa, mas usavam *lanhouses* ou o laboratório na universidade.

O grupo de 2012 era composto de 19 alunos do mesmo curso, com idades que variavam entre 18 e 25 anos. Como houve uma modificação no currículo - agora o curso pode ser realizado nos primeiros períodos - a maioria deles (13 alunos) estava no início do curso, quatro estavam no meio do curso e apenas dois estavam perto da graduação.

75% dos participantes do segundo grupo já estavam em sala de aula, um percentual até maior do que o do primeiro grupo (menos de 60%) (Fig.5).

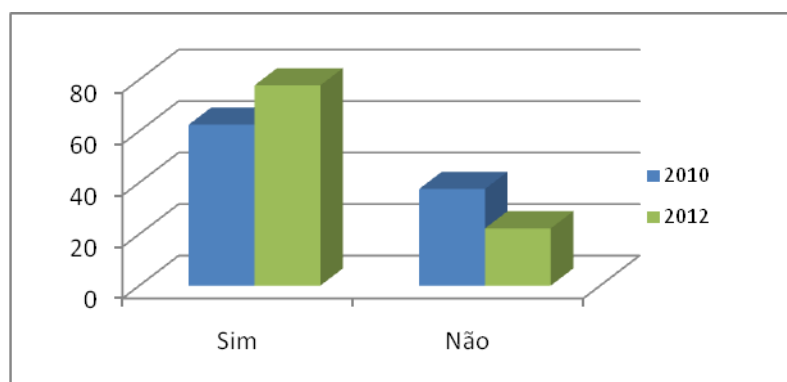


Figura 5 - Experiência com ensino

No entanto, grande parte deles atuava em escolas, realidade completamente diferente do primeiro grupo, em que aqueles que trabalhavam o faziam principalmente em cursos de idiomas (Fig. 6).

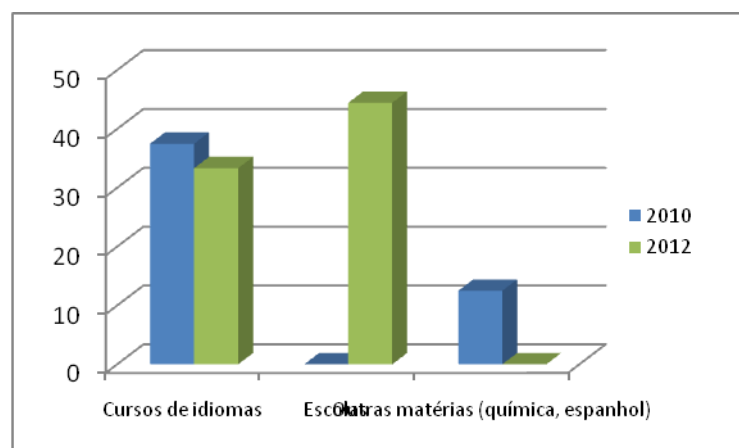


Figura 6 - Local de trabalho

Metodologia de pesquisa

Para o estudo comparativo foi usado o questionário de levantamento de necessidades que é aplicado no início do curso, além de observações durante todo o período e também a avaliação das atividades ao término do curso.

Buscava-se com o estudo comparativo dos dois grupos responder às seguintes perguntas:

- Como os alunos dos dois grupos se diferem em relação ao uso de tecnologia?
- O primeiro grupo tinha realmente menos acesso a tecnologias mais modernas do que o segundo?
- Essas tecnologias são aplicadas em sala de aula, ou seja, o acesso garante a utilidade na área educacional?
- O curso deverá se adaptar a esse novo tipo de público (geração Y)?

Resultados

Acesso à Tecnologia

Notem, na figura 7, que houve uma diminuição no número de computadores de mesa (desktop), e um aumento no percentual de *laptops* e *netbooks*. Ou seja, o segundo grupo já começa a utilizar tecnologias mais modernas.

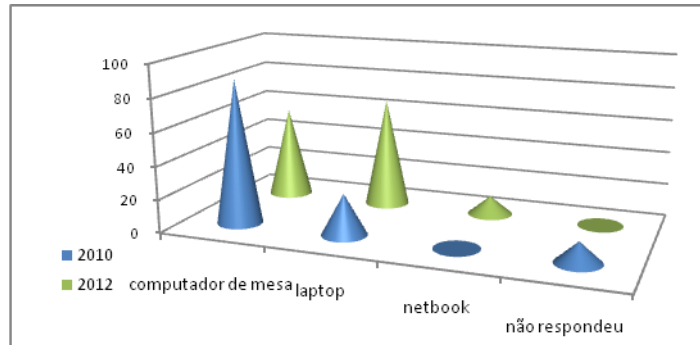


Figura 7 - Tipo de computador

Em relação ao acesso à Internet (Fig. 8), houve um aumento pequeno do uso, mas há mais disponibilidade do uso no trabalho.

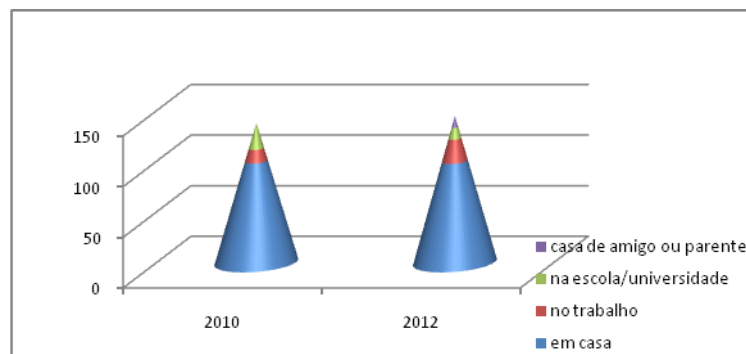


Figura 8 - Acesso à Internet

Uso da Tecnologia

Houve um aumento na frequência do uso da Internet de duas vezes por dia para mais de três vezes ao dia e também um aumento no número de pessoas que usam a Internet todos os dias de 70% para 85% (Fig. 9). No entanto, no geral, a frequência de uso é quase a mesma.

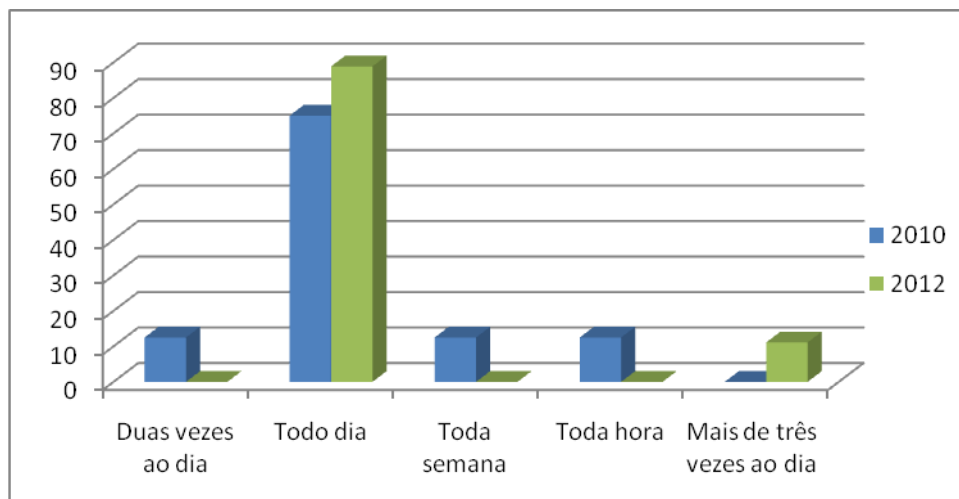


Figura 9 - Frequência no uso da Internet

Quanto às redes sociais (Fig.10), aos poucos o Orkut foi substituído pelo Facebook. Houve uma diminuição no uso do YouTube, mas ao mesmo tempo houve um aumento de usuários.

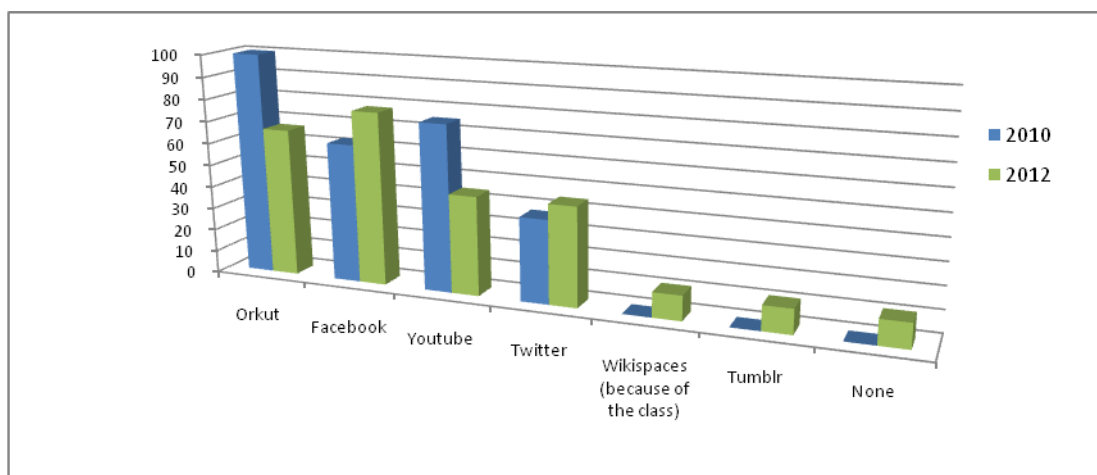


Figura 10 - Redes sociais mais usadas

Em relação às websites favoritas (Fig. 11) é interessante observar que no segundo grupo o interesse está mais diversificado, embora o Google se apresente como o favorito. Já no primeiro grupo houve a supremacia do YouTube e ninguém escolheu YouTube como favorito. Notem que os dois grupos mencionam sites educativos.

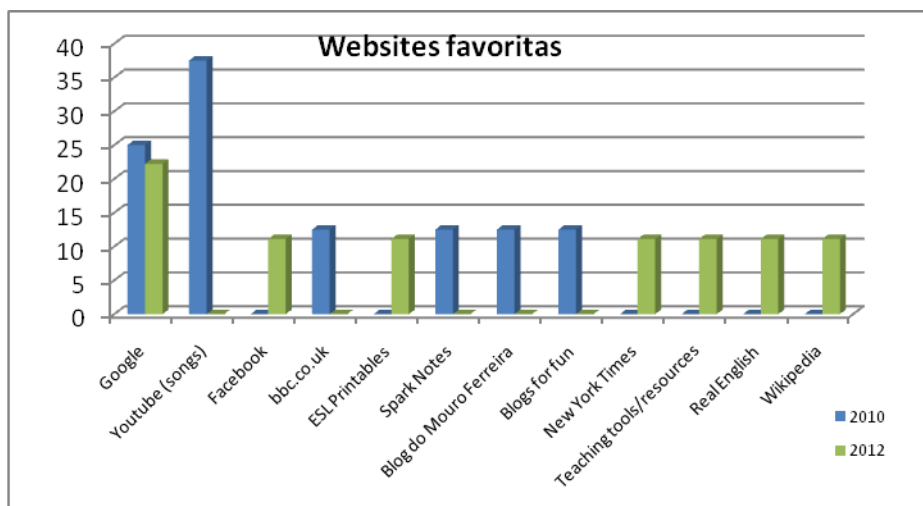


Figura 11- Websites favoritas

Disponibilidade de utilização de tecnologias no trabalho

Os recursos mais disponíveis continuam sendo os mesmos: *DVD-players* e *CD-players* (Fig.12). No entanto, houve um crescimento no acesso a computadores em laboratórios e salas de aula. Acredito que a diminuição de quadros interativos deve-se ao fato de a maioria trabalhar em escolas onde este recurso ainda é raro. Como o primeiro grupo trabalhava em cursos de idiomas, e alguns desses cursos disponibilizam quadros interativos, fica esclarecido o porquê da maior utilização do quadro interativo pelo primeiro grupo.

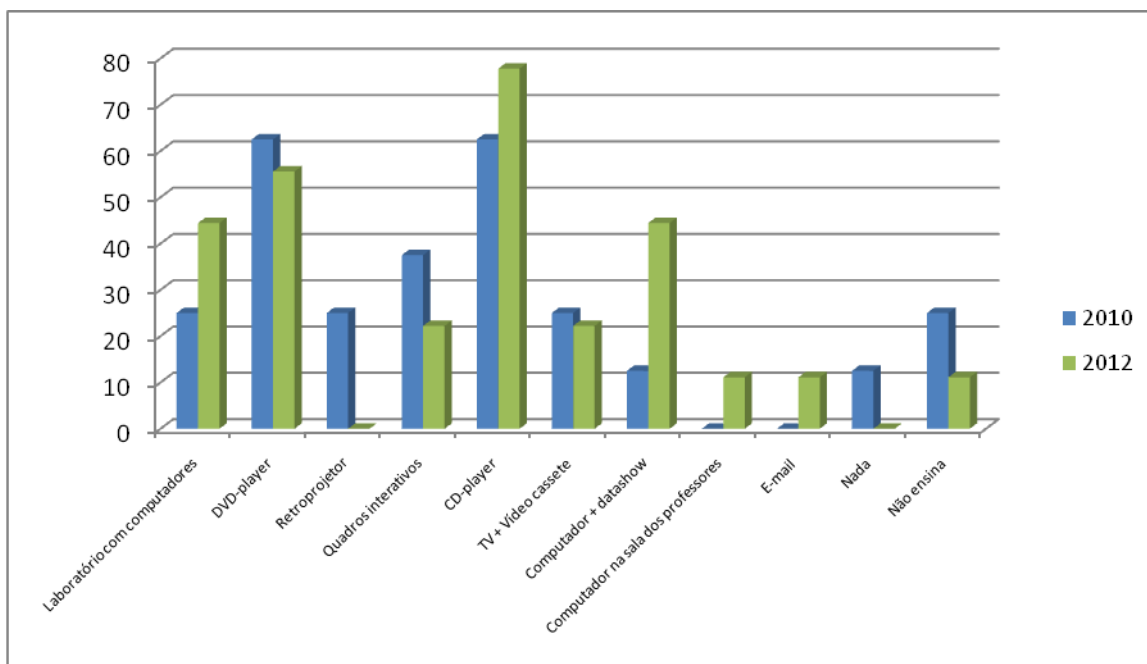


Figura 12 - Disponibilidade de utilização de tecnologias no trabalho

Aplicação das redes sociais ao ensino

No quadro abaixo (Fig. 13) é possível perceber que houve um grande crescimento no interesse pelo *Facebook* e o *Twitter* e um pequeno crescimento no interesse pelo *YouTube*, mas apenas para o ensino de idiomas. O *Orkut*, que era o segundo em interesse, baixou para a quarta posição, perdendo para o *Twitter*. *Wikispaces* não aparece na primeira pesquisa mas foi mencionado na segunda.

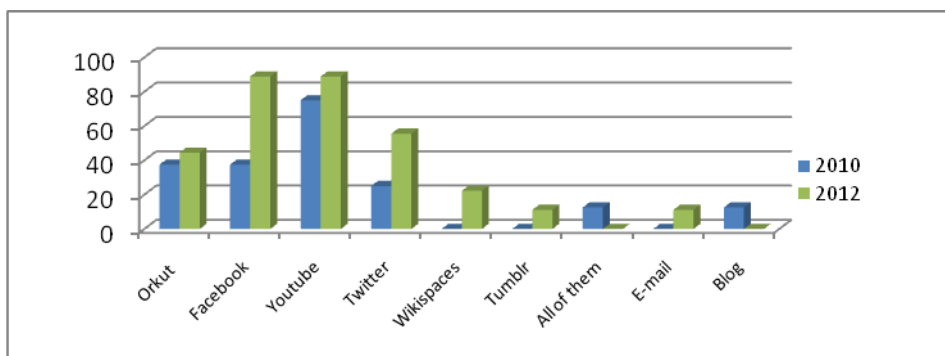


Figura 13 - Redes sociais utilizadas para o ensino

Se considerarmos apenas as respostas ao questionário preenchido no início do curso a diferença entre os grupos nem é tão grande assim. No entanto, o que ajudou na diferenciação entre os dois grupos foram as discussões e debates desenvolvidos durante o curso e a atitude

dos alunos em relação às atividades propostas. É exatamente esta comparação que será apresentada na próxima parte deste trabalho.

Comparação dos perfis dos alunos

Alguns alunos não estavam familiarizados com as novas tecnologias e alguns tinham o recurso disponível, mas ainda apresentavam uma atitude negativa em relação ao seu uso para o ensino de idiomas. Poucos tinham acesso à Internet. No caso do primeiro grupo, como estavam no final do curso de Letras, já haviam tido muitas aulas na Faculdade de Educação e muitos já estavam participando do estágio supervisionado no Colégio de Aplicação. Todos tinham em comum o desejo de uma educação menos tradicional e mais centrada no educando. Sendo assim, a falta de tecnologia era compensada pela consciência metodológica e o hábito de leitura de textos sobre o processo de aprendizagem. Vide abaixo o depoimento de duas alunas do primeiro grupo.

“A única dificuldade que encontrei foi em relação à tecnologia propriamente dita. Nunca imaginei o uso destes recursos (*Twitter* e *My Space*) aplicados à aprendizagem de idiomas.” (F1)

“... encontro a dificuldade de realizar um curso de tecnologia sem a tecnologia. Não tenho um computador em casa. Embora esteja muito longe da tecnologia, gostei muito do curso porque descobri coisas novas que não sabia, como utilizar tecnologia para ensinar inglês em sala e continuar fora de sala. Do mesmo jeito que a professora introduziu a tecnologia para mim, como professora poderei introduzir aos meus alunos e vincular a uma mudança, porque não é tão chato como a aula de línguas tradicional.” (F2)

Quanto aos grupos atuais, são verdadeiros viciados em tecnologia e têm dificuldade de se imaginar sem elas. Não conseguem desligar o celular e deixar de postar nas redes sociais todo o tempo. No início do curso é discutido o texto *A vida sem o 'Face'* e a grande maioria deles afirmam que “até dá para viver sem o Facebook”, mas que seria muito difícil. Alguns chegam a dizer que seria impossível. Outro fato é que os novos grupos não precisam mais dos computadores para acessar as redes sociais ou a Internet, pois utilizam os celulares. Os telefones são mais práticos e baratos. Sendo assim, fica difícil se desligar do celular. Esta

nova geração de alunos tem muita dificuldade para ler. Possivelmente pela dificuldade que encontram em focar. Leem menos e não se preocupam com o que as pessoas acham do que eles postam nas redes sociais. É como se escrevessem para si, e não para os outros. O que está diretamente ligado ao pensar mais neles próprios e em seu bem estar, e não no que pensam deles. Em contrapartida, são muito criativos e aprendem rápido e gostam de trabalhar em grupo.

O que sobra de familiaridade com as novas tecnologias, falta em consciência metodológica. Principalmente, porque a maioria ainda se encontra no início do curso de Letras.

A mudança no curso

Com a mudança no perfil do aluno, surge a necessidade de mudar o curso para se adaptar à nova realidade (Fig. 14). A ênfase parte da utilidade da tecnologia e fomento de uma postura mais positiva em relação às novas tecnologias para a metodologia de ensino, conscientização metodológica, o questionamento quanto ao uso de tecnologias. Sendo assim, no segundo grupo, trata-se a utilização das habilidades que eles já possuem às suas realidades de contexto educacional.

Primeiro grupo	Atualmente
<ul style="list-style-type: none"> • Introdução às tecnologias modernas • Questionamento quanto ao possível uso de tecnologias em sala • <i>Tecnologia como uma ferramenta útil</i> • Principal objetivo: Mudança de atitude em relação às novas tecnologias 	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução à metodologia de ensino • Repensar o uso de tecnologia (questionamento quanto ao uso de tecnologia – como adaptar ao ensino de línguas) • <i>Tecnologia sem metodologia não funciona. / Tecnologia como ferramenta.</i> • Principal objetivo: Como aplicar conhecimentos sobre tecnologia ao contexto educacional

Figura 14 – Quadro comparativo dos cursos de 2009 e o atual

Como menciona Reilly (2007), precisamos conversar mais com as novas gerações e descobrir o que pode ser feito para que a educação melhore. Buscar ensinar utilizando estratégias e recursos variados. Temos que fazer o próprio aluno se tornar o avaliador do processo de aprendizagem. Morrison (apud REILLY 2007) afirma que a maior barreira para implementar esse tipo de ensino provavelmente não são os alunos, mas os educadores, com a dificuldade de se distanciar dos métodos mais tradicionais de ensino, ou seja, abandonar um sistema que funcionou muito bem por um longo tempo. Logo, se a Geração Y são os novos professores, eles têm que ter consciência que o modelo tradicional de ensino pode ser mudado. Se não foi bom para eles, não será para seus alunos.

Considerações finais

Como os grupos analisados pela presente pesquisa são muito pequenos fica difícil generalizar seus resultados. No entanto, acredito que seja necessária uma discussão e um aprofundamento na reflexão quanto à situação.

Resumindo, atualmente os professores mais novos podem ter mais acesso à tecnologia do que outros professores. No entanto, eles podem possuir menos consciência metodológica. Sendo assim, precisam de mais cursos de formação e capacitação focados em metodologia e na aplicação das novas tecnologias ao contexto educacional. Além disso, pode surgir um conflito de gerações entre professores que trabalham na mesma instituição. Pode haver um conflito ainda maior entre coordenadores e a nova geração de professores. Sendo assim, há uma grande necessidade de mais estudos para entender esta nova geração e sua atuação no ambiente de trabalho.

É importante então, como diz Snoopy na história em quadrinhos abaixo (Fig. 14), aprendermos com o passado, vivermos o presente e olharmos para o futuro.



Figura 14 – Aprenda com o ontem. Viva para o hoje. Olhe para o amanhã. Fonte: www.womoney.com

O passado não nos dará todas as respostas, nem o futuro todas as soluções. No entanto, para vivermos o presente em toda a sua plenitude, precisamos aprender com o passado e não perder o foco no futuro.

Nosso papel como professores do século XXI é, então, buscar meios de ajudar o aluno a transformar informação em conhecimento utilizando as tecnologias disponíveis; assim, teremos ajudado a formar um cidadão autônomo, criativo e inovador. (CARDOSO 2010, p.72)

Referências

CARDOSO, J.S. Webquests e Web 2.0 como Projetos de Aprendizagem Colaborativa de Idiomas. In: **Anais Eletrônicos do 4º Simpósio de Hipertexto e Tecnologias na Educação: Comunidade e aprendizagem em rede**. Recife: NEHTE, 2012. www.hipertexto2012.com.br. Acesso em 07/07/2013.

CARDOSO, J.S. Tecnologia como uma ferramenta poderosa no aprendizado de idiomas. In: POSSAS, S. (org.). **Inglês na sala de aula: ação e reflexão**. São Paulo: Moderna/ Richmond, 2010.

CARPENTER, K. HR Meets Generation Y: Who is asking for too much? Postado em 12/04/2011. <http://newsourcing.com/2011/04/12/hr-meets-generation-y-who-is-asking-for-too-much/>. Acesso em 07/07/2013.

CIMINO, V. **O Papel do educador na era da interdependência**. São Paulo: Clio Editora, 2007.

D'ELBOUX, Y. Aprendizado na era digital. In **Profissão mestre**. Ano 11 nº 130, 2010 (p. 15-19)

DUDENEY, G. & HOCKLY, N. **How to teach English with technology**. Harlow: Pearson Longman, 2007.

FILÉ, V. Novas tecnologias, antigas estruturas de produção e desigualdades. In: FREIRE, W. **Tecnologia e Educação: as mídias na prática docente**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

FREI, S., GAMMILL, A. & IRONS, S.. **Integrating technology into the curriculum**. Huntington Beach: Shell Education, 2007.

HARMER, J. **The Practice of English language teaching**. Harlow: Pearson Longman, 2007.

HUHMANN, H. 5 Ways to attract generation Y to your workplace. <http://sme-blog.com/guest-blog/5-ways-to-attract-generation-y-to-your-workplace> (29/09/2010). Acesso em 07/07/2013.

LOIOLA, R. Geração Y. **Galileu**. Edição 219 - Out de 2009. <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0.EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y>. Acesso em 07/07/2013.

MAINARDES, C. Uma nova geração de alunos. **Profissão Mestre**. Publicado online em 04/07/2013. Edição impressa de maio de 2013. <http://www.profissaomestre.com.br/index.php/reportagens/comportamento>. Acesso em 06/07/2013.

MORAN, J.M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In MORAN, MASETTO & BEHRENS (2000). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus. (8ª Ed.)

REILLY, P. Understanding and teaching generation Y. **English Teaching Forum**. Nº 1, 2012.

SCHOFIELD, C.P. & HONORÉ, S. Who are Generation Y? Impresso em **The Ashridge Journal** em 2009. <http://www.ashridge.org.uk/website/content.nsf/w360/2009-w%20-%20generation%20y%20and%20learning?opendocument>. Acesso em 07/07/2013.

SCOFIELD JR. G. Conectado na preservação da Amazônia. **O Globo**. Caderno O País de 04/03/2012, p. 14.

SHAPIRO, B. Generation Y and why everyone does matter. Postado em 16/04/2012. <http://shapirocommunications.com/shapiro/generation-y-and-why-everyone-does-matter/>. Acesso em 07/07/2013.